

32^a 16 OUT /
14 NOV
2020

TEMPO RADA



MÚSICA
EM
**SÃO
ROQUE**

O Bando de Surunyo

CANTOS DO FOGO E DO GELO

Luz e sombra na música da Europa humanista

CULTURA

SANTA
CASA
Misericórdia de Lisboa

Apoio:

 RTP PALCO

 ANTENA 2

_18 out_dom / 16h30

_Convento de São Pedro de Alcântara

Hugo Sanches

Diretor Musical | Alaúde | Tiorba

Ana Vieira Leite_Soprano

Raquel Mendes_Soprano

Laura Lopes_Mezzo Soprano

Carlos Meireles_Tenor

Sérgio Ramos_Barítono

Maria Bayley_Harpa ibérica de duas ordens

Xurxo Varela_Viola da gamba

PROGRAMA

Mateo Flecha el viejo (1481-1553)

El fuego

Duarte Lobo (1565-1646)

Pater peccavi

Manuel Cardoso (1566-1650)

Aquam quam ego dabo

Claudio Monteverdi (1567-1643)

Non son in queste rive

Claudio Monteverdi

Chi'o t'ami

Claudio Monteverdi

Pulchra es

Pedro Escobar (1465-1535)

Clamabat autem

Francisco Guerrero (1528-1599)

Todo quanto pudo dar

Anónimo (Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, c.1650)

Dexad al niño que llore

Francisco Guerrero (1528-1599)

Apuestan zagales dos

Claudio Monteverdi (1567-1643)

Voi pur da me partite

Claudio Monteverdi

Zefiro torna e'l bel tempo rimena

Claudio Monteverdi

A dio Florida Bella

DESCRIÇÃO BREVE DO PROGRAMA

Durante os séculos XVI e XVII, a Europa assistiu a profundas mudanças no plano filosófico, religioso e cultural que alteraram o modo como o homem se posicionava no universo, como se relacionava com a realidade e como se via a si próprio. O edifício epistemológico das sete artes liberais que predominara no Ocidente durante mais de um milénio, desmoronava-se: a especulação cedia lugar à observação e à experiência; o inteligível era deposto pelo sensível. Os sentidos e as emoções substituíam o intelecto enquanto interface privilegiada entre o homem e o mundo. As narrativas poéticas, políticas e religiosas viravam-se para o ‘pathos’ da antiga arte da retórica, tendo como principal alvo as emoções dos destinatários, procurando ilustrá-las, estimulá-las e potenciá-las.

O diversificado mosaico deste novo mundo em transformação repercutiu-se em todas as manifestações culturais e a música não fugiu à regra. Fosse em contexto sacro, profano, cortesão ou doméstico, os compositores procuravam através do som, nas suas múltiplas possibilidades de tratamento rítmico, melódico, harmónico e tímbrico, ilustrar e potenciar o conteúdo poético da palavra, definindo-se assim — nas palavras de Claudio Monteverdi — um novo objetivo para a música: “movere gli affetti”, mover os afetos.

“Cantos do fogo e do gelo” percorre alguns dos mais importantes géneros musicais cultivados em Itália e na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII. Conferimos um particular destaque a obras nas quais a mulher é a protagonista principal, incorporando diferentes facetas da condição humana: resiliência, empatia, sabedoria, compaixão, ternura e fé. O eixo estruturante de todo o programa é um dos traços matriciais da produção cultural do Quinhentos e Seiscentos: a apropriação estética da antítese. A coexistência e convivência dos opostos é utilizada pela música tanto ao nível do conteúdo poético, como dos processos e técnicas que os compositores utilizam ao serviço deste. O ‘velho’ estilo de composição, desenvolvido no seio da arte da polifonia vocal, une-se ao ‘stile nuovo’ e à ‘seconda pratica’, perseguindo conjuntamente o novo ideal retórico que a música agora para si reivindicava: seduzir, comover e impressionar o ouvinte. O resultado é, pela sua pluralidade e combinação de elementos conservadores e inovadores, um dos períodos mais empolgantes da história da música ocidental, eloquentemente representado pelas obras que para este programa seleccionámos.

NOTAS DE PROGRAMA

Os opostos perturbam o ser humano. Os paradoxos desafiam a lógica, o antagonismo gera conflito, o pensamento racional tende a não aceitar os sentimentos contraditórios e procura fugir deles. No entanto, nos séculos XVI e XVII, o homem abraçou a inevitabilidade da coexistência dos opostos e, como ser inevitavelmente criativo, estetizou-a sob a forma de arte. E a música não fugiu à regra... Assistiu-se então a uma transformação profunda de paradigma no pensamento e prática musical. Até então uma das sete artes liberais inserida no ‘quadrvium’ das ciências matemáticas, a música aproximava-se agora da arte do orador, deixando de ser o espelho e símbolo de uma ordem universal transcendente para se transformar num veículo de representação e comunicação das emoções humanas... muitas vezes paradoxais.

Os fins justificavam agora os meios e tudo era agora permitido para potenciar o sentido da Palavra e os afectos que esta transmitia, até mesmo, se o texto o justificasse, violar o robusto conjunto de regras que presidia às artes do contraponto e da composição.

A música tornou-se, ela própria, um paradoxo. O estilo novo de composição, baptizado por Claudio Monteverdi como ‘seconda pratica’, coexistia com o ‘stile antico’ e os compositores recorriam ora a um, ora ou a outro, ora a ambos, de acordo com as circunstâncias às quais a música se destinava e as necessidades expressivas do texto. E mesmo o estilo novo continha em si paradoxos: idioma musical originalmente criado para cantar o amor e as paixões terrenas, rapidamente começou também a servir o canto do divino e do transcendente.

Traçamos neste programa um percurso pelas luzes e sombras do espírito que foram transformadas em som por compositores de Itália e da Península Ibérica, cantando a devoção e o amor nos mais variados contextos performativos (igreja, corte, teatro). Através do mais eloquente e primordial dos instrumentos, a voz humana, acompanhado pela harpa, alaúde e viola da gamba – que, no imaginário do quinhentos e do seiscentos, simbolizavam a lira de Apolo, instrumento capaz de apaziguar as feras, mover os homens para a guerra ou para a ternura e, inclusivamente, devolver a vida aos mortos –, os opostos, ora pacificamente, ora em tumulto, acabam por se definir mutuamente e integrar-se num todo que almeja compreender melhor o paradoxo que é a nossa própria existência.

TEXTOS POÉTICOS E TRADUÇÕES

Mateo Flecha el viejo (1481-1553)

El fuego – ensalada a 4

Las Ensaladas de Flecha (Praga, 1581)

Corred, corred pecadores
no os tardeis en traer luego
agua al fuego!
Este fuego que se enciende
es el maldito pecado
que al que no halla ocupado
siempre para si lo prende
qualquier que de Dios pretende
salvation procure luego
agua al fuego!

Venid presto pecadores
a matar aqueste fuego
hazed penitencia luego
de todos vuestros errores!

Reclamen essas campanas
dentro en vuestros coraçones
poned en Dios las aficiones
todas las gentes humanas.
Reclamen essas campanas
llamad esos aguadores
luego, luego sin tardar!
Y aiuden nos a matar ese fuego
no os tardeis en traer luego
dentro de vuestra conciencia
mil cargas de penitencia
de buen agua.
Y ansi matareis la fragua
de vuestros malos deseos
y los enemigos feos
huyran.

O, como el mundo se abrasa
no teniendo a Dios temor
teniendo siempre su amor
con lo que el Demonio amassa.
Por qualquiera que traspasa
los mandamientos de Dios
cantaremos entre nos,
dandole siempre baldones:

Correi, correi, pecadores
não tardeis em trazer já
água ao fogo!
Este fogo que se acende
é o maldito pecado
que a quem não encontre ocupado
sempre para si o prende
qualquer que de Deus pretenda
salvação procure já
água para o fogo!

Vinde rápido pecadores
a matar este fogo
fazei penitência já
de todos os vossos erros!

Toquem esses sinos
dentro de vossos coraçones
ponde em Deus vosso amor
todas as gentes humanas.
Dobrem esses sinos
chamai asses aguadores
agora, agora, sem tardar!
E ajudem-nos a matar esse fogo,
não tardeis em trazer já
dentro de vossa consciência
mil cargas de penitência
de boa água.
E assim matareis a frágua
dos vossos maus desejos
e os inimigos feios
fugirão.

Oh, como o mundo se abrasa
não tendo temor a Deus,
tendo sempre o amor
ao que o Demónio amassa.
Por qualquer um que transgrida
os mandamentos de Deus
cantaremos entre nós,
atirando sempre baldões:

*cadent super eos carbones
in ignem dejicies eos
in miseris non subsistent.*

Este mundo donde andamos
es una herviente fragua
donde no ha lugar el agua
si por ventura tardamos.
O, como nos abrasamos
en el mundo y su hervor.
Por qualquiera pecador
que lo que da Dios no toma,
se dira lo que de Roma
quando se ardia sin favor:

*Mira Nero de Tarpeya
a Roma como se ardia;
gritos dan niños y viejos,
y el nada se dolia.*

No os tardeis,
traed agua ya!
Y vosotros, atajad!
Corred presto socorred!
Sed prestos y muy ligeros
a dar golpes a los pechos!
Atajad a questos techos!
Cortad presto esos maderos!
Tañed, tañed más aprisa,
que vamos sin redención!
Tañed presto, que ya çesa
con agua nuestra pasión!

Y ansi, con justa razon
diran las gentes humanas:
– Donde las hay
las tales aguas soberanas?

*carvões ardentes cairão sobre eles
lançá-los-ás ao fogo
na miséria não se conseguirão erguer.*

Este mundo onde andamos
é una fervente frágua
onde não existe água
se porventura tardamos.
Oh, como nos abrasamos
no mundo e em seu fervor.
Por qualquer pecador
que não aceita o que lhe dá Deus,
dir-se-á como de Roma
quando ardia sem remédio:

*Via Nero de Tarpeia
Roma como se ardia,
gritos davam crianças e velhos
e ele de nada se condoía.*

Não tardeis
trazei água já!
E vós, atalhai!
Correi rápido, acudi!
Sede rápidos e muito ligeiros
em dar golpes nos peitos!
Atalhai a estes tectos!
Cortai rápido essas vigas!
Tangei mais depressa!
Que vamos sem redenção!
Tangei rápido e cessará
com água a nossa paixão!

E assim com justa razão
dirão as gentes humanas:
– Onde as haverá,
as tais águas soberanas?

Toca, Joan, con tu gaitilla,
pues ha çesado el pesar.
Yo te diré un cantar
muy polido a maravilla.
Vesle aqui!
Ea, pues, todos dezi:
de la Virgen sin mançilla
ha manado el agua pura
y es que ha hecho criatura
al hijo de Dios eterno
para que diese gobierno
al mundo que se perdió.
Y una Virgen lo parió,
según habemos sabido,
por reparar lo perdido
de nuestros padres primeros.
Alegria, caballeros,
que nos vino en este día,
que parió sancta Maria
al Pastor de los corderos.
Y con este Nacimiento
que es de agua dulce y buena
se repara nuestra pena
para darnos a entender
que tenemos de beber
desta agua los sedientos,
guardando los mandamientos
a que nos obliga Dios
por que se diga por nos:

*Qui biberit ex hac aqua,
non sitiet in aeternum.*

Toca João com tua gaitinha
pois já cessou o pesar.
Eu te direi um cantar
muito formoso e maravilha.
Vê-lo aqui!
Eia, pois, todos dizei:
da Virgem sem mácula
emanou a água pura
e fez criatura
o filho de Deus eterno
para que desse governo
ao mundo que se perdeu.
E uma virgem o pariu,
segundo sabemos,
para reparar o pecado
de nossos pais primeiros.
Alegria, cavalheiros,
que veio a nós neste dia,
em que pariu Santa Maria
o Pastor dos cordeiros!
E com este nascimento
que é de água doce e boa
se repara nossa pena
para dar-nos a entender
que temos de beber
desta água os sedentos
guardando os mandamentos
a que nos obriga Deus
para que se diga por nós:

*Qui biberit ex aqua,
non sitiet in aeternum.*

Duarte Lobo (1565-1646)
Pater peccavi – motete a 5
Liber Missarvm (Antuérpia, 1621)

Pater peccavi in coelum
et coram te.
Iam non sum dignus
vocari filius tuus,
miserere mei.

Pai, pequei contra o céu
e perante ti.
Já não sou digno
de ser chamado teu filho.
Tem piedade de mim.

Segundo Lucas 15:17-19

Manuel Cardoso (1566-1650)
Aquam quam ego dabo – motete a 5
Livro de varios motetes (Lisboa, 1648)

Aquam quam ego dabo,
si quis biberit ex ea,
non sitiet in aeternum,
Dixit Dominus mulieri Samaritanae.

Esta água que eu dou,
aquele que dela beber,
jamais terá sede,
disse o Senhor à mulher
Samaritana.

Segundo João 4:13

Claudio Monteverdi (1567-1643)
Non son' in queste rive – madrigal a 5
Il secondo libro de madrigali (Veneza, 1590)

Non son' in queste rive
fiori così vermigli
come le labbra de la donna mia.
Ne 'l suon de l'aure estive
tra fonti e rose e gigli
fa del suo canto più dolce armonia.
Canto che m'ardi e piaci,
t'interrompano solo i nostri baci.

Não há nestas margens
flores tão rubras
como os lábios da minha senhora.
No som dos ventos estivais
entre fontes e rosas e lírios
fazem de seu canto a mais doce
harmonia.
Canto que me inflama e me apraz,
te interrompam somente os nossos
beijos.

Torquato Tasso (1544-1595)

Claudio Monteverdi
Ch'io t'ami – madrigal a 5
Il quinto libro de madrigali (Veneza, 1605)

Ch'io t'ami,
e t'ami più de la mia vita,
se tu nol sai, crudele,
chiedilo a queste selve,
che tel diranno, e tel diran con esse
le fere loro e i duri sterpi e i sassi
di questi alpestri monti,
ch'i' ho sì spesse volte
inteneriti al suon de' miei lamenti.

Giovanni Battista Guarini (1538-1612)

Claudio Monteverdi
Pulchra es – motete a duo
Sanctissimae Virgini Missa (Veneza, 1610)

Pulchra es, amica mea,
suavis et decora sicut Jerusalem,
terribilis ut castrorum acies ordinata.
Averte oculos tuos a me,
quia ipsi me avolare fecerunt.

Que eu te amo,
e te amo mais do que à minha vida,
se tu não o sabes, cruel,
pergunta-o a estes bosques
que te o dirão, e te o dirão com eles
seus animais, e os duros matagais e seixos
destes alpestres montes
que eu tantas vezes
enterneci ao som dos meus lamentos.

Bela és, amada minha,
doce e formosa como Jerusalém,
terrível como um exército de estandartes desfraldados.
Desvia de mim os teus olhos
pois eles me arrebataram.

Cântico dos cânticos 6: 4-5

Pedro Escobar (1465-1535)
Clamabat autem – motete a 4
Manuscrito Musical 32 (Biblioteca Univ. Coimbra)

Clamabat autem mulier Chananaea
Ad Dominum Jesum dicens:
– Domine, Jesu Christe, filii David, adjuva me.
Filia mea male a daemonio vexatur.
Respondens ei Dominus dixit
– Non sum missus nisi ad oves
quae perierunt domus Israel.
At illa venit et adoravit eum dicens:
– Domine, adiuva me.
Respondens Jesus ait illi:
– Mulier, magna est fides tua;
fiat tibi sicut vis.

Clamava uma mulher cananeaia
ao Senhor Jesus, dizendo:
– Senhor Jesus Cristo, filho de David, ajudai-me.
Minha filha sofre possuída pelo demónio.
Respondeu-lhe o Senhor, dizendo:
– Não fui enviado se não às ovelhas
tresmalhadas da casa de Israel.
Ela dirigiu-se a ele, adorou-o e disse:
– Senhor, ajudai-me.
E respondeu-lhe Jesus:
– Mulher, grande é a tua fé!
Seja feito aquilo que desejas.

Segundo Mateus 15:22, 24, 25, 28

Francisco Guerrero (1528-1599)

Todo quanto pudo dar – vilancete a 4

Canciones y villanescas espirituales (Veneza, 1589)

Todo quanto pudo dar
este día nos á dado:
Dios y hombre en un bocado.

Tudo quanto pode dar
este dia nos deu:
Deus e homem em um bocado.

Tiene Dios tanto poder,
que a todo poder excede,
pues, con solo su querer,
todo quanto quiere, puede.
Puede y quiere que nos quede
su poder oy abreviado,
Dios y hombre en un bocado.

Tem Deus tanto poder
que a todo o poder excede
pois com apenas seu querer
tudo quanto quer, pode.
Pode e quer nos calhe
seu poder hoje abreviado,
Deus e homem em um bocado.

Antes que Dios se partio
a la tierra de la vida,
una celestial comida
a sus apóstoles dio.
Y el manjar que se comió
fue su cuerpo consagrado
Dios y hombre en un bocado.

Antes de Deus partir
para a terra da vida,
uma refeição celestial
a seus apóstolos deu.
E a iguaría que se comeu
foi seu corpo consagrado
Deus e homem em um bocado.

Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (c.1650)

Dexad al niño que llore – letrilha ao divino a 5

Manuscrito Musical 229 (Biblioteca Univ. Coimbra)

– *Dexad al niño que llore.*
– *Que pues el da en no callara*
azotes quiere llevar.

– *Deixai o menino chorar.*
– *Mas dá-lhe para não se calar*
açoites há-de levar.

– A callarle es escusado
que lo ha tomado a desvayo
y pagarle han su trabajo
y aún pienso que de contado.
Dexad al niño que llore.
– *Que pues el da en no callara*
azotes quiere llevar.

– Calá-lo é escusado
que ele já adormece
e pagar-lhe-ão seus trabalhos
não duvido que muito em breve.
– *Deixai o menino chorar.*
– *Mas dá-lhe para não se calar*
açoites há-de levar.

– No llora de bravo, no,
llora de bueno el chiquillo
que es el pobre un corderillo,
que en buena hora nació.
Dexad al niño que llore.
– *Que pues el da en no callar*
azotes quiere llevar.

– Não chora de bravo, não,
chora de bom o menininho
que é o pobre um cordeirinho;
que em boa hora nasceu.
– *Deixai o menino chorar.*
– *Mas dá-lhe para não se calar*
açoites há-de levar.

Francisco Guerrero

Apuestan zagales dos – vilancete a 5

Canciones y villanescas espirituales (Veneza, 1589)

Apuestan zagales dos
por el zagal soberano
dize Gil que es hombre humano
y Pasqual dize que es Dios.

Apostam dois zagais
sobre o zagal soberano
diz Gil que é homem humano
e Pascoal diz que é Deus.

Dize Gil que esta llorando
y que es hombre pues que llora
mas viendo angeles cantando
Pasqual por su Dios le adora.
A un tercero dan la mano
para que juzgue a los dos
dize Gil que es hombre humano
y Pasqual dize que es Dios.
Apuestan...

Diz Gil que está chorando
e que é homem porque chora
mas, vendo anjos cantando,
Pascoal por seu Deus o adora.
A um terceiro dão a mão
para que julgue entre os dois
diz Gil que é homem humano
e Pascoal diz que é Deus.
Apostam...

Dize Gil que nasce al yelo
y que es hombre pues le enfria
Pasqual dize que es del cielo
pues la noche buelve en dia.
Y el juez que es Juan Lozano
dize que aciertan los dos
y asi el caso queda llano
y el zagal por hombre y Dios.
Apuestan...

Diz Gil que nasce ao gelo
e que é homem pois tem frio.
Pascoal diz que é do céu
pois a noite se transforma em dia.
E o juiz que é Juan Lozano,
diz que acertam os dois
e assim o caso fica resolvido
e o zagal é homem e Deus.
Apostam...

Claudio Monteverdi

Voi pur da me partite, anima dura – madrigal a 5

Il quarto libro de madrigali (Veneza, 1603)

Voi pur da me partite, anima dura,
nè vi duol il partire,
Oimè quest'è un morire
crudele, e voi gioite?
Quest'è vicino aver l'ora suprema,
e voi non lo sentite?
O meraviglia di durezza estrema.
Esser alma d'un core,
e separarsi, e non sentir dolore!

Vós partis de mim, alma dura,
e nem vos dói o partir.
Ai! Isto é um morrer,
cruel, e vós rejubilais?
Isto é parecido à morte,
e vós não o sentis.
Oh, maravilha de dureza extrema:
Ser alma de um coração
e separar-se, e não sentir a dor.

Giovanni Battista Guarini

32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE

O Bando de Surunyo

Cantos de Fogo e Gelo

Claudio Monteverdi

Zefiro torna, e'l bel tempo rimena – madrigal a 5

Il sesto libro de madrigali (Veneza, 1614)

Zefiro torna, e 'l bel tempo rimena,
e i fiori e l'herba, sua dolce famiglia,
e garir Progne et pianger Filomena[sic],
e primavera candida et vermiglia.

Ridono i prati, e 'l ciel si rasserena
Giove s'allegra di mirar sua figlia;
l'aria e l'acqua e la terra è d'amor piena
ogni animal d'amar si raconsiglia.

Ma per me, lasso, tornano i piu gravi
sospiri, che del cor profundo tragge
quella ch'al ciel se ne portò le chiavi

e cantar augelletti, e fiorir piagge,
e 'n belle donne honeste atti soavi
sono un deserto, e fere aspre e selvaggie.

Francesco Petrarca (1304-1374)

Claudio Monteverdi

A Dio Florida bella – madrigal a 5

Il sesto libro de madrigali (Veneza, 1614)

– A Dio Florida bella, il cor piagato
nel mio partir ti lascio e porto meco
la memoria di te si come seco
cervo trafitto suol lo strale alato.

– Caro mio Floro a Dio, l'amaro stato
consoli amor del nostro viver cieco
Che s'el tuo cor mi resta il mio vien teco
Com'augellin che vola al cibo amato.

Così sul Tebro a lo spuntar del sole
Quinci e quindi confuso un suon s'udia
Di sospiri, di baci e di parole.

– Ben mio rimanti in pace. – E tu ben mio
vattene in pace e sia quel ch'el ciel vole
– A Dio Floro, dicea. – Florida, a Dio.

Giambattista Marino (1569 - 1625)

Zefiro regressa e traz o bom tempo
e as flores e as ervas, sua doce família,
e o chilrear de Procne e o pranto de Filomena[sic],
e a primavera cândida e rubra.

Riem-se os prados e o céu serena-se,
Júpiter alegre-se ao contemplar sua filha
o ar e a água e a terra são plenas de amor
todo o animal a amar se dispõe.

Mas para mim, infeliz, regressam os mais graves
suspiros que do meu coração profundo arranca
aquela que ao céu levou sua chave.

e o cantar dos passarinhos, e os prados floridos
e os graciosos gestos das gentis damas
são para mim um deserto, e feras acres e selvagens.

Francesco Petrarca (1304-1374)

Claudio Monteverdi

A Dio Florida bella – madrigal a 5

Il sesto libro de madrigali (Veneza, 1614)

– Adeus Florida bela, meu coração ferido
te deixo na partida, e levo comigo
a tua memória qual cervo
trespassado pela flecha alada.

– Querido Floro, adeus. O amargo estado
do nosso viver cego, o amor consola.
Se teu coração comigo fica, o vai contigo,
como o passarinho que voa para o alimento amado.

Assim sobre o Tibre, ao despontar do sol,
daqui e dali se escutava um som confuso
de suspiros, de beijos e de palavras.

– Meu bem, fica em paz. – E tu, meu bem,
vai em paz e seja o que o céu quiser.
– Adeus, Floro, dizia. – Florida, adeus.

Giambattista Marino (1569 - 1625)

Textos poéticos transcritos segundo a grafia das fontes originais.

Traduções:

Hugo Sanches
Silvia Cortini

Dados Biográficos

O Bando de Surunyo

O Bando de Surunyo é um ensemble especializado na interpretação de música dos séculos XVI e XVII. O nome é retirado de um vilancico seiscentista português e significa “bando de estorninhos”. O ensemble é a frente interpretativa e laboratorial de um projecto multidisciplinar que incide particularmente sobre repertório inédito albergado por fontes portuguesas, apresentando em quase todos os seus concertos obras inéditas em primeira audição moderna. O projecto abrange, porém, música tanto de aquém como de além-fronteiras, tendo como objetivo proporcionar ao público, através da música e da poesia, o contacto com a pluralidade, ecletismo e riqueza do pensamento e imaginário do renascimento e barroco europeu.

Os concertos de *O Bando de Surunyo* são preparados sobre uma rigorosa base de investigação musicológica e no estudo aprofundado do contexto histórico e cultural da música que interpretamos. Todas as obras são preparadas diretamente a partir dos manuscritos ou impressos originais (pelo diretor do ensemble) e interpretadas utilizando instrumentos e práticas interpretativas históricas.

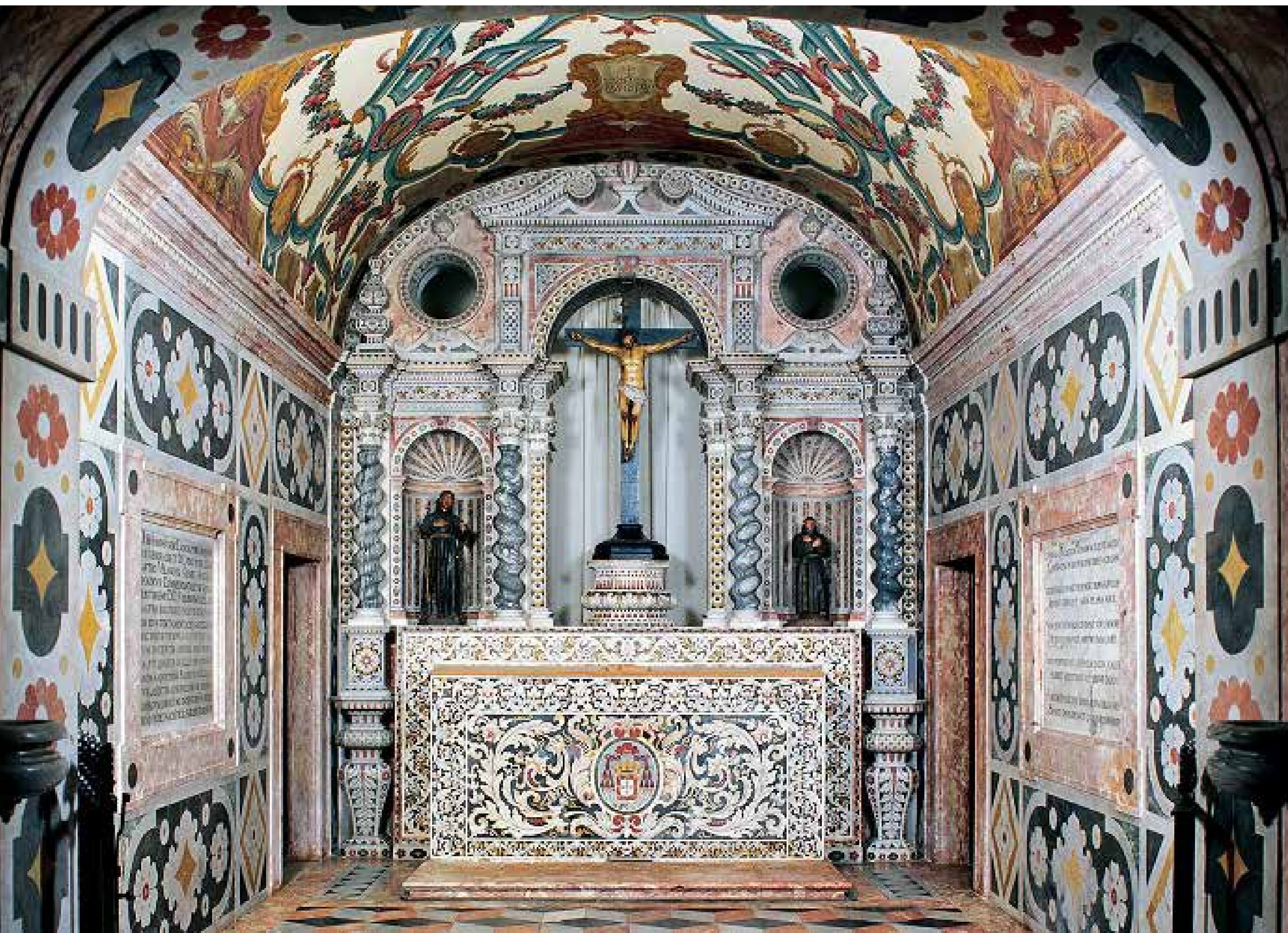
A íntima relação entre som e palavra que emerge na música na transição do Quinhentos para o Seiscentos é o eixo central da abordagem de *O Bando de Surunyo* ao estudo e interpretação do repertório. O som colocava-se então ao serviço do texto, veiculando, ilustrando e potenciado o seu conteúdo poético e afetivo. A transmissão eficaz e eloquente desse conteúdo nas suas múltiplas leituras e funções — literal, teatral, histórica, simbólica, religiosa, política e filosófica — constitui a base para a construção de uma conceção interpretativa que persegue hoje o mesmo objetivo da música de então: divertir e comover o público através da palavra, do gesto e do som. Todo o projecto assume, pois, um alcance estético e comunicativo alargado onde, fazendo uso de práticas interpretativas e sonoridades históricas, se procura criar um objeto artístico pertinente, significativo e impactante para o público de hoje.

O Bando de Surunyo é dirigido por Hugo Sanches, doutorado com distinção e louvor em Estudos Musicais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre e licenciado em Interpretação Musical (música antiga - alaúde) pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE, Porto), e pós-graduado em psicologia da música pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Reparte a sua actividade entre a interpretação, o ensino e a investigação, especializando-se em música dos séculos XVI e XVII nos domínios tanto da prática interpretativa, como da teoria e pensamento estético e filosófico. É professor no Curso de Música Antiga da ESMAE e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É ainda investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra onde se dedica sobretudo ao estudo, edição e interpretação do repertório musical ibérico inédito do século XVII.



32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE



Convento de São Pedro de Alcântara

O Convento de São Pedro de Alcântara é uma construção do séc. XVII, anterior ao terramoto de 1755. A sua edificação deve-se ao primeiro marquês de Marialva e conde de Cantanhede que, em 1665, na Batalha de Montes Claros (guerra da Restauração) fez um voto de fundar um convento em Lisboa dedicado a São Pedro de Alcântara.

A Igreja, apresenta no seu interior decoração barroca joanina, vinda do Convento de Mafra no período do pós-terramoto e merece, por si, a visita. No conjunto sobressaem os altares em talha dourada, a iconografia franciscana, o teto pintado em grissaille e a pintura em marmoreado das paredes. Sobre estas destacam-se três grandes pinturas da época joanina. A capela-mor integra a pintura de Bento Coelho da Silveira e de André Gonçalves, complementadas, mais tarde, pela obra de Luciano Freire.



Filipe Carvalho

Diretor artístico

Temporada Música em São Roque

Filipe Carvalho é formado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa e em Direção pela Universidade de Cincinnati (Estados Unidos). Desenvolveu ainda estudos de aperfeiçoamento em Composição com Emmanuel Nunes (França) e Karlheinz Stockhausen (Alemanha) e de Direção de Orquestra com Donato Renzetti (Itália) e Jorma Panula (Finlândia). Como maestro tem-se apresentado sobretudo na Dinamarca, Suécia, Áustria, Inglaterra, Polónia e Alemanha.

É atualmente maestro titular da Kammerorkestret Musica e do Kammerkoret Musica (Copenhaga).

Como maestro convidado ou assistente tem ainda colaborado com diversas orquestras e coros no norte da Europa, destacando-se a sua colaboração com o Teatro Real (Ópera de Copenhaga) e a Opera Hedeland (Hillerød).

Em concursos internacionais conquistou por duas vezes o Conductors Prize, na Polónia em 2013 e em Espanha em 2015.

Em 2015 gravou o CD "Kvindestemmer" e dirigiu no Castelo de Kronborg, Helsingør, o concerto de gala para o lançamento da organização de cooperação internacional "Transition", transmitido em direto para a Dinamarca, Suécia, Hungria, Japão e Índia.

A convite da Rainha Margrethe II da Dinamarca dirigiu o concerto comemorativo dos 100 anos de direito de voto feminino naquele país. Desde 1989, o Maestro e compositor Filipe Carvalho é o diretor artístico da Temporada Música em São Roque, organizada pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.



32^a 16 OUT /
14 NOV
2020
TEMPORADA

MÚSICA
EM
SÃO
ROQUE

PRÓXIMO CONCERTO

AVRES SERVA

Música Sacra portuguesa
dos séculos XVIII e XIX

23 out_sex / 21h00
_Igreja de São Roque

CULTURA

SANTA
CASA
Misericórdia de Lisboa